

Resenha*

Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos*

A obra “*Vergangene Zukunft*” compreende uma coleção de ensaios de Reinhart Koselleck (1923 – 2006), um dos mais eruditos historiadores contemporâneos e talvez o principal construtor da idéia de uma “história dos conceitos”. Foi apresentada e traduzida ao público brasileiro com o título de “*Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos.*”

Koselleck nasceu em Gorlitz, Alemanha em 1923. Aos dezoito anos, em 1941, se apresentou como voluntário do exército de Hitler, tendo combatido na frente além leste. Derrotado, foi feito prisioneiro em um campo de concentração russo. Na década de 1950, inicia sua carreira acadêmica. Na opinião de alguns especialistas sua obra tinha como objetivo “compreender os fundamentos da modernidade sem declinar da necessidade de enfrentar as experiências vividas na segunda guerra, seus escritos devem ser entendidos como uma reação a essas experiências.”

Os ensaios reunidos em “*Futuro Passado*” foram divididos em três partes: na primeira, intitulada “*Sobre a relação entre passado e futuro na história moderna*”, foi dado um destaque especial ao segundo ensaio, “*Historia Magistra Vitae – Sobre a dissolução do topos na história dos tempos modernos*”. Este texto trata-se de uma reflexão teórica acerca do surgimento do conceito moderno de “história”, na opinião de Koselleck, a mais importante de todas as inovações conceituais da modernidade. Para fundamentar tal hipótese, o autor demonstra, por exemplo, o significado que a “história” possuía no século XVI, época da pintura da *Batalha de Alexandre*, de Albrecht Aldorfer. Percebe que naquela época o termo “história” – em alemão *Historie* – poderia significar tanto uma imagem como uma “narrativa” – em alemão *Geschichte*.

Indica-nos ainda que com o passar dos tempos os termos tendem a se transformarem. Ilustrativo deste fenômeno foi o que ocorreu com o conceito “revolução”. Na época de Aristóteles, este conceito significava, grosso modo, um movimento cíclico ou um retorno. Porém os acontecimentos incontroláveis de 1789 na

* Resenha de autoria de Luiz Mário Ferreira Costa, mestrando pelo programa de pós-graduação do departamento de História da Universidade Federal de Juiz de Fora.

* Esta resenha foi escrita com base em: KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos*; tradução, Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira; revisão César Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto-Ed. PUC-Rio, 2006.

França alterariam o entendimento do termo. A partir de então passou a representar todas as revoluções, mas tendo como base a Revolução Francesa. Para o autor o termo evoluiu para a forma de um “coletivo singular”.

Esta transformação conceitual estaria intimamente ligada com a dissolução da clássica expressão *Historia Magistra Vitae*, cunhada por Cícero. Segundo o historiador, por cerca de 2 mil anos este *topos* permaneceu ileso. A história era antes de tudo uma escola da vida, um arsenal de experiências pedagógicas. Portanto até o século XVIII esta expressão ainda era um indício inquestionável da vida humana, “... cujas histórias são instrumentos recorrentes apropriados para comprovar doutrinas morais, teológicas, jurídicas ou políticas” (p.45). Para Koselleck foi uma frase de Tocqueville a responsável por inaugurar um suposto “novo tempo”: “Desde que o passado deixou de lançar luz sobre o futuro, o espírito erra nas trevas”.

Na segunda parte do livro, “*Sobre a teoria e o método da determinação do tempo histórico*”, um dos ensaios mais instigantes é aquele que recebeu o título, “*História dos conceitos e história social*”. Aqui Koselleck leva o leitor numa viagem erudita em busca da possibilidade de determinação temporal, além de propor estabelecer uma relação muito mais complexa entre a história social e a história dos conceitos. De maneira clara e coerente, o autor nos informa a força peculiar das palavras, pois sem as quais o “sofrer e o fazer humanos” não poderiam ser experimentados muito menos transmitidos.

Com esta visão indica-nos que a “história social” para poder proceder de maneira precisa não pode abrir mão das perspectivas teóricas da “história dos conceitos”. Premissa válida, sobretudo, para aqueles historiadores que trabalham numa perspectiva estrutural, na longa duração. Conhecer a fundo os conceitos trabalhados seria na opinião de Koselleck o primeiro passo a ser dado.

Por outro lado, apesar de ser uma parte metodologicamente autônoma da pesquisa social e histórica, tendo por base a terminologia filosófica, a gramática, a filologia-histórica, a semasiologia e a onomasiologia, a “história dos conceitos” não seria um fim em si mesma. Pois a investigação do campo semântico de cada um dos principais conceitos em determinada sociedade, nos revela um ponto de vista polêmico orientado para o presente, assim como um componente de planejamento do futuro. Torna-se, portanto relevante para ambas as disciplinas – história dos conceitos e história social – saber, por exemplo, quando um conceito específico passou a ser empregados de

forma tão rigorosa, indicando uma transformação social e política de profundidade histórica.

Na terceira e última parte da obra, denominada “*Sobre a semântica histórica da experiência*”, Koselleck se propõe trabalhar com alguns pares de conceitos antitéticos e assimétricos, como: helenos e bárbaros; cristãos e pagãos; homem e não-homem. Dentre o conjunto de ensaios que compõem essa parte, chama-nos a atenção “*Espaço de experiência e horizonte de expectativa: duas categorias históricas*”. Pois em Koselleck tanto a experiência quanto a expectativa, são categorias capazes de entrecruzar o passado e o futuro. Servem ao autor como instrumentos para lidar e tematizar aquilo que ele chama de tempo histórico, entendido como “um valor adequado à história e cuja transformação pode-se deduzir da coordenação variável entre experiência e expectativa”.

Nestes ensaios finais são apresentadas e reforçadas teses centrais, como por exemplo, a defesa de que a história somente se tornou disponível ao homem quando do ponto de vista histórico-lingüístico as várias histórias (*Historie*), se transformaram em uma única história (*Geschichte*), o que indicaria um novo espaço de experiência e um novo horizonte de expectativa. Ou seja, a “historia em si” este “singular coletivo” (*Geschichte*), reunia a soma de todas as histórias individuais dentro de uma história universal, possibilitando assim um maior grau de abstração, reunindo num único conceito uma realidade e a reflexão sobre esta realidade.

De maneira genérica podemos observar que os ensaios reunidos em “*Futuro Passado*” guardam certo tom pessimista, haja vista a atmosfera européia dos anos 60 e 70, marcada pela influência do movimento de “contra-cultura” e pelo descrédito na razão iluminista. Talvez seja por isso que este renomado historiador com claras finalidades políticas e sociais, tendera a todo custo frear o progresso técnico-mecanicista, difundido pelo liberalismo e que era conduzido por um futuro incerto.

Para findar, Koselleck acusa a visão iluminista de mundo, pois ao enxergar o homem fora de suas experiências, toda a Europa foi levada ao pesadelo do Holocausto. Na sua opinião a história não é capaz de fornecer exemplos para a vida – como se acreditava antes da Revolução Francesa. Porém pode revelar experiências traumáticas e desastrosas. Desta forma os campos de concentração, e mais a ameaça de uma guerra nuclear, são para Koselleck resultados de experiências que os homens jamais deveriam apagar de seus horizontes de expectativas.

